

# A tragédia do tsunami: Onde estava Deus?

*Uma reflexão teológica pessoal sobre os eventos de 26 de dezembro de 2004 no sul da Ásia*

© Vinoth Ramachandra, Sri Lanka, 2005

No dia 26 de dezembro de 2004, “tsunami” tornou-se a palavra japonesa mais conhecida em todo o mundo – mais do que “sushi”. Desde esse dia trágico, tem surgido uma quantidade de artigos e cartas em jornais de todo o mundo questionando a credibilidade da fé em Deus à luz de um acontecimento tão terrível. Esta experiência não é nova. Quando o terramoto de 1755 arrasou a cidade de Lisboa, o cínico Voltaire perguntou se os pecados desta cidade seriam assim tão maiores que os de Londres ou Paris para merecerem um julgamento tão indiscriminado da parte de Deus. Alguns cristãos lançam lenha na fogueira dos cínicos fazendo afirmações ingénuas sobre “a vontade de Deus”, “o juízo de Deus”, “o fim do mundo” e outras que tais. Mesmo expressões bem intencionadas de gratidão a Deus pelo salvamento e segurança nos fazem pensar em que propósito haverá em salvar alguns poucos e abandonar tantos milhares à morte. Quanto às histórias sobre a sobrevivência “miraculosa” de edifícios e símbolos religiosos, estas apenas confirmam a convicção atesta de que toda a crença religiosa provém da superstição e da ignorância. Que tipo de divindade se preocupa mais com as coisas do que com as pessoas?

## Questionamento mútuo

Aqueles de nós que somos cristãos deveríamos ver a recente tragédia como uma oportunidade de repensar parte da teologia superficial que simplesmente aceitamos em muitas das nossas igrejas. Em que conceito de Deus acreditamos e comunicamos aos outros? Os ateus poderão perguntar-se, “em que Deus não acredito?” (Muitas vezes me encontro mais de acordo com ateus que pensam e se questionam, que com os meus correligionários cristãos!) Não é interessante que “Deus” não seja de todo chamado quando a comunicação social relata, por exemplo, o aumento do conhecimento científico (incluindo sobre tremores de terra e tsunamis) ou as recentes descobertas no campo da medicina – que são atribuídas unicamente ao génio humano – mas que por outro lado “Deus” tão depressa se torne o bode expiatório quando as coisas correm mal, especialmente no mundo natural? O facto de Deus ser constantemente alvo da nossa ira e desprezo não deve ser surpresa para os cristãos, que seguem um Salvador crucificado!

Uma questão importante que raramente é colocada é a seguinte: Porque razão quando os furacões e terremotos atingem lugares como a Florida e o Japão, a perda de vidas humanas é mínima, mas quando os mesmos desastres ocorrem nas Caraíbas ou no sul da Ásia, a devastação excede o entendimento? A resposta é simples e direta: *pobreza*. Ou pobreza aliada à corrupção e incompetência da parte dos responsáveis do governo. (Pense em

como no nosso lado do mundo ignoramos rotineiramente aviso após aviso de inundações e ciclones, quando temos disponível a tecnologia que nos permite salvar vidas e bens.) E não é possível culpar Deus pela pobreza e desigualdades económicas da dimensão existente no nosso mundo. Estas representam uma violação da vontade de Deus para a Humanidade.

Também me confunde o argumento que, de alguma maneira, os tsunamis são mais destrutivos para a crença num Deus bom do que, digamos, a queda súbita de um raio que mata um homem em campo aberto. Haverá aqui uma suposição que é a força dos números que conta contra Deus? Mas então que limite numérico deverá um desastre passar para que mudemos da fé para a descrença? Tony Blair fez a pertinente observação que a África sofre o equivalente a um tsunami por semana – porque é que este desastre de origem humana (e facilmente evitável) não merece a mesma indignação moral e teológica nos *media* a nível global?

Fica a impressão que as demonstrações da fragilidade humana perante as formidáveis forças da natureza são embaraçosas para os homens e mulheres modernos envoltos na fantasia tecnocrática do domínio sobre o mundo. No entanto, a natureza não é um bem para nosso consumo.

## O significado da criação

A doutrina da criação é hoje a doutrina mais negligenciada na maioria das igrejas, e naturalmente a pior compreendida pelos ateus. Esta falta de atenção tem levado a uma visão antropocêntrica, e até individualista, dos propósitos de Deus para o mundo. Muitos cristãos dão a impressão que a função de Deus é poupá-los de toda a dor e perda, já para não falar de morte e destruição. Os “evangelhos da saúde e da prosperidade” que algumas igrejas importam displicentemente de igrejas ricas dos Estados Unidos reforçam esta obsessão com a nossa própria segurança e conforto. Deus torna-se a Rede de Segurança Cósmica. O Deus que muitos ateus rejeitam é ou o Tirano Cósmico, que controla e determina todo o acontecimento no universo, ou o Espectador Cósmico, indiferente e passivo em relação a tudo o que acontece, uma figura mais digna de pena do que de adoração.

Para Deus criar um universo foi preciso ele “retirar-se” de forma a deixar um “espaço” para que possa existir algo que não seja Deus. Esta é a livre escolha de Deus, e Deus dá um certo grau de autonomia àquilo que criou. Qualquer acto criativo, nos familiares contextos humanos da paternidade, da música ou da literatura, envolve tanto o exercício do poder, como a auto-limitação desse poder. O criador respeita a integridade da sua criação. A relação entre criador e criação não pode ser descrita de forma adequada com linguagem como “controlar” ou “governar”. Há igualmente um “deixar estar”, uma vontade de permitir que a criação se desenvolva à sua forma e de acordo com o seu carácter intrínseco. Que há um mistério inerente a cada acto criativo, os grandes artistas e músicos sempre o confessam. Quão maior será o mistério quando se trata da criação e sustentação do universo por Deus.

A ciência moderna tem-nos dado uma imagem do mundo de Deus e da vida humana como tendo evoluído através de um longo processo de potencialidades realizadas através do

tempo. O mundo não é um sistema fechado e previsível, mas um local onde emerge autêntica *novidade*, muitas vezes de formas imprevisíveis. Uma imagem anterior do mundo (por vezes chamada “universo mecanicista” ou “Newtoniano”) via o mundo ordenado com a regularidade de um relógio. Passado, presente e futuro eram na sua essência intermutáveis. Os desenvolvimentos na física e na biologia alteraram essa imagem. O mundo é constituído por nuvens bem como por relógios, e as nuvens são bastante mais difíceis de estudar que os relógios. Estas são exemplos daquilo a que os matemáticos chamam sistemas dinâmicos não-lineares, e a maior parte dos processos físicos e biológicos são deste tipo. (É-lhes dado o nome enganador de “processos caóticos”.) Tais sistemas continuam a obedecer às leis universais da física, tal como tudo o mais no universo, mas o seu comportamento é intrinsecamente imprevisível, visto que as equações que os descrevem têm um número infinito de soluções possíveis. Estão envolvidos em probabilidades, mas as opções futuras estão restringidas dentro de limites específicos (chamados “atractores estranhos”). O seu comportamento exhibe uma aleatoriedade estruturada. Os caminhos seguidos por estes sistemas são irreversíveis, e como tal o tempo torna-se significativo, ao contrário da imagem mecanicista. Além disso, pequenas alterações nos valores de uma variável podem ter grandes implicações no desenvolvimento futuro do sistema (isto é por vezes chamado, com exagero poético, o “efeito borboleta” – o bater das asas de uma borboleta numa parte do mundo forma tempestades noutra). Assim, a realidade física é muito mais subtil do que se pensava em tempos antigos. É um entrelaçado complexo de aleatoriedade e ordem.

Se Deus nos criou a nós humanos como parte de um tal mundo, então somos essencialmente criaturas físicas. Emergimos, tal como todas as outras formas de vida no planeta Terra, das complexas interações entre espontaneidade e regularidade. Não somos nem anjos caídos à Terra, nem robôs manufacturados para seguirem instruções. A nossa espiritualidade está na *direção* na qual apontamos a nossa existência física: se em direção a nós próprios, se na direção d’Aquele que nos dá o dom da vida e nos chama a viver essa vida na dependência de outros e para outros. Como seres físicos, partilhamos da imprevisibilidade e vulnerabilidade da restante ordem criada. A limitação humana não é um mal; pelo contrário, a rejeição da limitação é que é má. É a nossa solidariedade como espécie humana que nos leva a alegrarmo-nos com a alegria dos outros e a chorarmos com a dor dos outros. Apenas recebermos através do bem que outros fazem, sem sofrermos as consequências das ações dos outros, seria a negação do nosso carácter interdependente de criaturas.

O sofrimento permanece um mistério insondável, mas não temos que escolher entre um Deus passivo e um Deus cujas ações são arbitrárias. Relativamente ao mal moral, a teologia cristã tem há muito argumentado em termos da *livre escolha* humana: apesar das muitas escolhas desastrosas que os humanos têm feito, um mundo de seres livres para escolher é melhor do que um mundo de autómatos perfeitamente programados. Relativamente ao mal físico (doença e catástrofe) há uma defesa paralela do *livre processo*: Deus respeita a integridade da sua criação – permitindo que o universo inteiro seja “ele próprio” – ao mesmo tempo que sustenta todo o processo. Cada entidade criada tem liberdade de agir segundo a sua natureza, incluindo a complexa combinação de ordem e desordem que faz parte normal dessa natureza. Deus não tenciona que existam tumores cancerígenos nem

actos de terrorismo, mas permite que estes aconteçam. Ele não é o jogador de xadrez dos seres humanos ou da natureza.

A maioria dos tremores de terra, incluindo o que ocorreu perto de Sumatra a 26 de dezembro de 2004, são causados pela rutura súbita de rochas sujeitas a enormes forças tectónicas. O calor produzido pelo decaimento de elementos radioactivos provoca correntes de convecção no manto terrestre (outro processo dinâmico não-linear). Nas dorsais oceânicas forma-se nova crosta terrestre, que mergulha novamente para dentro do manto. As placas descendentes de crosta oceânica ficam sujeitas a pressão e fraturam-se, provocando tremores de terra. Quando os continentes colidem formam-se cadeias montanhosas, como o Himalaia. A crosta terrestre está constantemente a ser moldada por estas forças, criando numerosos nichos ecológicos nos quais podem emergir distintas e diversas formas de vida.

O teólogo anglicano e físico matemático John Polkinghorne tem sugerido, nos seus muitos escritos, que de um ponto de vista teológico “o acaso e a necessidade devem ser vistos como reflexo dos dons paralelos da liberdade e da fidelidade, dados à criação por Aquele que é ao mesmo tempo amoroso e fiel.”<sup>1</sup> A inteligibilidade do mundo físico explorada pelos cientistas (e expressa nas “leis da natureza”) são apenas reflexos da constante fidelidade de Deus. “O equilíbrio real entre acaso e necessidade, contingência e potencialidade, do qual nos apercebemos, parece-me consistente com a vontade de um Criador paciente e subtil, que se satisfaz em atingir os seus propósitos através do desenrolar de um processo, e assim aceita uma certa medida de vulnerabilidade e precariedade que sempre caracterizam o dom da liberdade pelo amor... No entanto, a futilidade eventual do universo físico mostra igualmente que o cumprimento final dos eternos propósitos do Criador deverá ter lugar para além do presente mundo - que é o que me parece ser o significado das doutrinas cristãs da ressurreição do corpo e do mundo vindouro.”<sup>2</sup>

## As ações de Deus

Como podemos então enquadrar a contínua interação de Deus com o mundo presente? Parece haver dois tipos de causalidade que operam na natureza: uma causalidade “energética” que funciona através do impacto directo de um evento sobre outro, e uma causalidade mais holística (“de cima para baixo”) que opera através da adição de informação ao sistema em geral, afectando assim os seus componentes. A influência de Deus na orientação do percurso dos processos naturais (como por exemplo a evolução da raça humana) pode talvez ser melhor compreendida nos termos deste último tipo de causalidade “informacional”. Mas mesmo que discordemos sobre a forma de relacionar as ações de Deus no mundo com as ações humanas e não-humanas que estudamos, certamente todos concordamos que um mundo mágico, no qual Deus intervém para prevenir todo o sofrimento inocente causado pelos acontecimentos, seria um mundo

---

1 Polkinghorne, John (1996). *The Faith of a Physicist: Reflections of a Bottom-Up Thinker, The Gifford Lectures, 1993-4*, p.77. Minneapolis: Fortress Press.

2 Polkinghorne, John. (1986). *One World: The Interaction of Science and Theology*, pp.69, 80. London: SPCK.

impossível de estudar, já para não dizer impossível de nele vivermos como seres responsáveis.

Polkinghorne escreve:

Temos a tendência de pensar que, tivéssemos sido nós responsáveis pela criação, teríamos de alguma forma feito melhor, retendo o bom e eliminando o mau. Quanto mais compreendemos a delicada rede do processo cósmico, em todo o seu carácter subtilmente interligado, menos o caso me parece provável. O universo físico, com o seu mal físico, não é apenas o cenário sobre o qual se desenrola o drama humano, com o seu mal moral, de forma que os dois pudessem ser desenleados. Somos personagens que emergiram do cenário; na natureza deste baseia-se a nossa natureza. Talvez apenas um mundo dotado tanto de espontaneidade como de fiabilidade pudesse ter dado origem a seres capazes de exercer escolhas. Parece-me provável que apenas num universo no qual possamos defender o livre processo, seria possível existir pessoas a quem possa ser aplicada a defesa da livre escolha.<sup>3</sup>

Temos então que ter mais cuidado quando falamos da “omnipotência” e “omnisciência” de Deus. Devemos reconhecer que o acto da criação tem como consequência uma limitação da omnipotência de Deus (uma *kenosis*, como muitas vezes é chamada na teologia contemporânea, segundo o grego de Fil. 2:7, com referência à encarnação). Este cerceamento do poder divino advém, obviamente, de uma auto-limitação livremente escolhida por Deus e não através de algum tipo de resistência inerente à criatura. Deus permanece onipotente no sentido em que pode fazer tudo aquilo que deseja, mas não é de acordo com a sua natureza e desejo insistir em controlo total. A revelação da vida divina que nos é dada na vida humana de Jesus é também visível na história cósmica da criação. A vida encarnada de Jesus constitui igualmente o padrão de como Deus trabalha em todo o tempo e em todo o lugar. Se a cruz de Jesus é o nosso guia para a forma como pensamos acerca de Deus, então a providência deve ser entendida como “a sabedoria de Deus em ação”, e essa sabedoria é vista supremamente no acto de suportar a fraqueza e alienação do mundo.<sup>4</sup> É isto que distingue o Deus da narrativa bíblica dos outros deuses.

Ao criar usando o tempo (dotando desta forma a sua criação com o poder de “ser” de facto), Deus partilha o carácter temporal da sua criação. Os teólogos cristãos têm tradicionalmente falado de Deus como estando fora do tempo, contemplando todos os acontecimentos a partir do seu Eterno “Agora”. No entanto, a bíblia apresenta um Deus que tem uma *história*, um Deus definido por uma narrativa histórica de divinas ações, respostas e conhecimento. A empreitada criativa de Deus toma a forma de um propósito, mais do que de uma planta ou plano. Ao cumprir esse propósito, Deus na sua humildade dá lugar à resposta e cooperação do mundo criado, tanto humano como não humano. É por isto que a nota dominante nas Escrituras é Deus dando-nos *promessas* para o futuro, e não fazendo predições exatas.

Juntamente com diversos filósofos cristãos modernos, eu diria então que há um sentido no qual Deus é “surpreendido” pelos acontecimentos no mundo, ao mesmo tempo que permanece a base e fonte ontológica (o Criador) de tudo o que existe. Se o futuro não

---

3 *The Faith of a Physicist*, op.cit., pp.84-5

4 Gorringe, Timothy. (1991). *God's Theatre*, p.55. London: SCM Press.

existe já para ser conhecido, estão o facto de Deus não conhecer o futuro não constitui uma imperfeição sua. Tal como uma artista que imbui um propósito na sua obra e sabe em traços gerais o que ela vai dar (e neste sentido “prevê” o fim a partir do início), e no entanto o material com o qual trabalha (o toque dos pincéis, a textura da tela, a densidade da tinta) contribui para a realização do produto final, da mesma forma podemos dizer que Deus tem um “futuro” por causa da sua aliança com o universo temporal criado (embora, contrariamente à artista humana, Deus tenha escolhido livremente trabalhar desta forma).

O teólogo britânico Paul Fiddes expressa este pensamento de forma mais sucinta que eu:

Podemos dizer, creio, que em cada momento Deus sabe *tudo o que há para saber* sobre o futuro. Isto é, Deus conhece-o *como o futuro*, não como algo presente ou passado para Deus, e conhece-o perfeitamente desta forma e nós não... Ao criar um universo livre que existe no tempo, Deus limitou-se livremente a si próprio a conhecer tudo aquilo que pode ser conhecido, permitindo que algumas coisas lhe sejam desconhecidas porque ainda não existem. Quando existirem, Deus vai conhecê-las infalivelmente... se Deus vai permitir que o mundo seja criativo refletindo de alguma forma a criatividade de Deus, deve haver algumas coisas que são possíveis mas que ainda não se tornaram reais para Deus. Mais: quando realmente acontecerem haverá nelas algo de novo, algo com que o universo contribuiu.<sup>5</sup>

Muitos historiadores e filósofos da ciência têm afirmado que o empreendimento científico se baseia num gigantesco acto de fé. Para ser cientista, uma pessoa tem que aceitar duas afirmações que, no seu conjunto, só parecem fazer sentido numa visão judaico-cristã do mundo, nomeadamente: (a) que o universo não é um monte de acontecimentos sem sentido, mas é uma estrutura inteligível; e (b) que os seres humanos, apesar de fisicamente serem meros grãos de pó num obscuro planeta que orbita uma dos muitos biliões de estrelas nesse universo, estão dotados da vocação e da capacidade para descobrir essa inteligibilidade. Por outras palavras, a *prática* da ciência aponta para além de si própria, para uma moldura transcendental e teísta (incluindo uma visão elevada do valor do ser humano) dentro da qual a ciência se torna uma actividade com significado. Tratar a imagem que a ciência dá do mundo como a *última palavra* mina a credibilidade da própria ciência.

Finalmente, todo o protesto contra o sofrimento inocente, bem como todo o abraçar voluntário do sofrimento de outros, são reflexos semelhantes da resposta do próprio Deus ao sofrimento - como sumamente demonstrado ao Deus “tornar-se carne” em Jesus Cristo. No pensamento cristão, “Deus” é inerentemente relacional: uma “rede” de amor auto-sacrificial e responsiva. Por isso, respondendo à pergunta “Onde estava Deus na manhã do dia 26 de Dezembro de 2004?”, podemos afirmar humilde mas firmemente, que este Deus de amor sacrificial estava presente na dor e terror das vítimas, na angústia dos sobreviventes, no heroísmo das pessoas que arriscaram as suas vidas para salvarem outros, na raiva expressa contra a vulnerabilidade dos pobres num mundo tecnologicamente rico, e no movimento global de compaixão e dádiva altruísta na onda

---

5 Fiddes, Paul. (2000). *Participating in God: A Pastoral Doctrine of the Trinity*, pp.142, 143. London: Darton, Longman and Todd.

espontânea de humanidade, tão imparável como as ondas que se abateram sobre as costas do sul da Ásia.

*Vinoth Ramachandra vive no Sri Lanka, e é atualmente Secretário para o Diálogo e Envolvimento Social para a Ásia da IFES, uma parceria global de mais de 130 movimentos estudantis autônomos nacionais. É bacharel e doutorado em Engenharia Nuclear pela Universidade de Londres. É igualmente membro do Conselho de Referência d'A Rocha International.*

*Tradução: Júlio Reis / A Rocha International*

*Última atualização: 30 de dezembro de 2013*